Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX

LEONARDO SOARES DOS SANTOS
Universidade Federal Fluminense (Rio de Janeiro)

Resumo
O suburbio é apresentado no imaginário comum (no Brasil, América Latina e Europa) como uma região dominada pela pobreza, um mistura de usos rurais e urbanos e falta de serviços públicos. Entretanto, o objetivo desse artigo é debater o conceito de subúrbio e como ele muda no Rio de Janeiro no início do século XX. Além disso, nós tratamos como grupos dessa região tentam mudar a tradicional visão sobre eles mesmos, buscando afirmar uma identidade urbana, reconhecendo esse espaço como parte da cidade e de sua dinâmica. E não como algo externo a ela.

Palavras-chave
Rio de Janeiro, Subúrbios, Urbanização, Espaço, História Urbana.

Rio de Janeiro suburbs in the Early Twenty-Century

Abstract
Suburb is presented in the commom imaginary (in Brasil, Latin America and Europe) as a region dominated by poverty, a mixture of rural and urban activities and lack of public services. Therefore, the objective of this article is to debate the concept of suburb and how it change in Rio de Janeiro in the Early Twentieth-Century. Moreover, we appreciate how groups of this region intent to change the traditional vision about themselves, searching to claim a urban identity, recognizing this space as part of the city and your dynamic. And not external one.

Keywords
Rio de Janeiro, Suburbs, Urbanization, Space, Urban History.

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Vários trabalhos da historiografia sobre a cidade do Rio de Janeiro apontam para as Reformas do Governo Pereira Passos como um marco da produção de uma configuração sócio-espacial altamente hierarquizada e excludente (ABREU, 1988; PEREIRA, 1998; BENCHIMOL, 1988; SEVCENKO, 1989). Daí é possível que se pense que a divisão da cidade entre zonas urbana, suburbana e rural tenha ganhado contornos mais nítidos. Porém, é preciso tomarmos certas precauções quanto a isso. Parece inegável até hoje que as reformas urbanas operadas no início do século XX tenham mesmo atuado no sentido de conformar divisões geográficas de grandes implicações sociais e étnicas.[1] Mas no caso bem específico da divisão da cidade em diferentes zonas, conforme citadas acima, não há correspondência tão direta.

A divisão do município entre área urbana e suburbana – não há ainda a delimitação de uma zona rural - é formalizada anos antes, com o decreto nº 1034ª, de 1 de setembro de 1892, que regulamentava o serviço policial no Distrito Federal. A cidade ficava dividida em vinte circunscrições urbanas e oito circunscrições suburbanas.[2]

Quando muito, pode-se sustentar que as Reformas dirigidas por Pereira Passos tenham dado novos significados a divisão entre áreas urbana e suburbana, isto é, o que significava pertencer ou morar em uma ou outra área em termos simbólicos e sociais. De qualquer forma ela está diretamente ligada a uma nova percepção que se vai construindo sobre o papel das cidades, o que se deve, sobretudo, às transformações por que passam o sistema capitalista em escala mundial. Na visão de Maria Chiavari, a internacionalização da economia tal como se delineia nas últimas décadas do XIX procura fazer da cidade um "produto":

> [...] promovendo a valorização real e potencial deste 'produto' e ao mesmo tempo 'objeto de consumo', para ser repartido segundo as reais possibilidades de renda de seus habitantes. Por conseguinte, aqueles que não possuem uma renda própria, ou que a possuem baixa, são excluídos da participação deste produto. Assim os rejeitados das áreas valiosas e os retirantes expulsos dos campos encontram-se numa espécie de fronteira: a periferia que vai-se caracterizando, nesta época, por uma população desraizada e ao mesmo tempo segregada (CHIAVARI, 1985, p. 571).[3]

E tais transformações suplantam em muito o período em que Pereira Passos esteve a frente do cargo maior do executivo da cidade. Para que possamos ter uma compreensão melhor a respeito faz-se necessário um pequeno recuo de algumas décadas.

Até o século XIX o subúrbio não tinha a conotação negativa que passará a ter no século XX. Até porque os subúrbios e arrabaldes eram a área de moradia de membros das classes ricas e médias da cidade, ali estabelecidos em suas

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

chácaras, *chalets* e casarões. Os exemplos de subúrbios da cidade por essa época eram Botafogo, Laranjeiras, Catete, Glória e Tijuca (QUEIROZ, 2008. p. 22.). Esta, muito bem retratada por Machado de Assis, tanto quanto uma área residencial da elite social carioca quanto uma região marcada pela existência daquele tipo de construções.[4] Mas já havia sido descrita assim antes por José de Alencar, desde meados do século. Em *Lucíola*, obra publicada em 1892, o personagem Sá irá escolher exatamente os "arrabaldes da côrte", para instalar uma chácara onde dava "féria às ocupações graves, convidava alguns amigos, e oferecia à imaginação um pasto régio". As marcas aristocráticas dessa residência são nítidas:

> A sua casa de moço solteiro estava para isso admiravelmente situada entre jardins, no centro de uma chácara ensombrada por casuarinas e laranjeiras. Se algum eco indiscreto dos estouros báquicos ou das canções eróticas escapava pelas frestas das persianas verdes, confundia-se com o farfalhar do vento na espessa folhagem; e não ia perturbar, nem o plácido sono dos vizinhos, nem os castos pensamentos de alguma virgem que por ali velasse a horas mortas (ALENCAR, 1951. p. 52).[5]

Só com o parcelamento das terras para a construção de lotes residenciais é que a área passaria a ser ocupada por segmentos tidos como "populares". Esse foi um processo que variou ao longo do tempo e dependendo da região da cidade. Ele começou a atingir intensamente o que hoje são os bairros de São Cristóvão, Tijuca, Vila Isabel, Piedade desde a década de 1870. A partir de 1890 ele passaria a incidir sobre Méier, Madureira e Engenho Novo e Inhaúma. O historiador José de Oliveira Reis comenta que "começou então um surto descontrolado de abertura de ruas e conseqüentes loteamentos, de maneira irregular e tumultuada. Ruas mal traçadas, abertas em terrenos acidentados, em terra, sem meios-fios, iam surgindo por todos os lados. Construções novas eram feitas nos lotes inadequados e desprovidos de alinhamentos." (REIS, 1977, p. 53.)

E assim a região ia perdendo ano após ano aquele perfil aristocrático. Esse aspecto é rapidamente retratado por Lima Barreto em "Recordações do escrivão Isaías Caminha", quando descreve a residência do personagem que dá nome à obra, localizada em Rio Comprido:

> O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelecidos, servia de curadouro. Da chácara toda, só ficavam as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes faziam aos ricaços que ali tinham habitado (BARRETO, 1998, p. 175).

Em crônica do início de 1920, o tema do passado aristocrático dos subúrbios cariocas voltava a figurar nos escritos de Lima Barreto:

> Os nossos arrabaldes e subúrbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardinzito liliputiano de polegada e meia; e as de gente pobre não têm coisa alguma.
> Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim. Os ricos gostavam de possuir vastas chácaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jaqueiras, dessa esquisita fruta-pão que não vejo e não sei há quantos anos não a como assada e untada de manteiga.
> Onde estão os jasmineiros das cercas? Onde estão aqueles extensos tapumes de maricas que se tornam de algodão que mais é neve, em pleno estio?
> Os subúrbios e arredores do Rio guardam dessas belas coisas roceiras, destroços como recordações.
> [...]
> Não se diga que tudo isso desapareceu para dar lugar a habitações; não, não é verdade. Há trechos e trechos grandes de terras abandonadas, onde os nossos olhos contemplam esses vestígios das velhas chácaras da gente importante de antanho que tinha esse amor fidalgo pela 'casa' e que deve ser amor e religião para todos. (BARRETO, 2004, p. 129)[6]

E desde sempre a presença de aspectos rurais eram tidos como fundamentais na elaboração de uma leitura positiva, quase idílica, da região. A existência de várias árvores frutíferas, animais de pequeno porte, imensas áreas verdes ao redor dos sítios, descampados, que dava a impressão de um certo isolamento da área urbana, tudo isso compunha um quadro de equilíbrio e leveza a um espaço eminentemente ocupado pelas classes mais ricas da cidade. Voltemos um pouco no tempo para surpreendermos em *Casa de Pensão*, escrita por Aluísio de Azevedo em 1884, a descrição de uma chácara, localizada na Tijuca, onde Lúcia e Amâncio protagonizam os momentos mais felizes de seu romance:

> Lúcia, muito disfarçada, ia-lhe apontando os cômodos e as benfeitorias da casa, com tanto empenho e gosto como se fora mesma proprietária; mostrou-lhe o banheiro, os tanques para a lavagem de roupas, o coradouro, o cercado das galinhas e por último o jardim.
> Colheu logo uma rosa e, por suas próprias mãos, enfiou-a na gola do fraque de Amâncio. Em seguida atravessaram a horta. Canteiros grandes cobertos de verdura, saturavam o ar de um cheiro fresco de hortaliças. As alfaces brilhavam ao sol dourado de julho. Mais adiante havia um sombrejar melancólico e delicioso de árvores grandes; era a chácara; viam-se no ar as folhas largas e recortadas da fruta-pão faiscarem, como lâminas de metal brunido; ao passo que as bojudas mangueiras se debruçavam sobre a terra numa concentração pesada de sono.
> Os dois prosseguiram de braço dado por entre o murmurejar tristonho daquelas sombras. E lentamente, e sem trocarem uma palavra, se deixaram ir até a espalda de um muro que servia de limite à chácara. Havia um grosseiro banco de pau meio escondido entre bambus e trepadeiras. Assentaram-se. Um fio d'água corria da montanha e os passarinhos remigiavam trilando na mole embalsamada das estevas. (AZEVEDO, 2009, p. 86-87)

Na última década do século XIX, a cidade vai conhecer um grande *boom* demográfico, fruto em grande medida do afluxo de imigrantes portugueses e de migrantes (ex-escravos principalmente) do interior da antiga província do Rio

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

de Janeiro e de estados como Minas Gerais e Bahia. Era natural que tal pressão demográfica aliada à expansão dos meios de transporte levassem o mercado imobiliário a estender seus braços para o subúrbio. Este passava a ser mais visado, a ser visto como uma opção de moradia possível para vários grupos sociais nas primeiras décadas do século XX. Mas é com as reformas urbanas da administração Pereira Passos, que a discussão sobre subúrbio ganha força tanto na imprensa quanto no legislativo da cidade. Uma grave crise habitacional envolvendo as classes populares se anuncia com a onda de demolições de cortiços e estalagens. Para agravar a situação havia ainda o grande número de epidemias que tornavam problemática a vida no centro da cidade. E dado o alto custo dos terrenos dos arrabaldes mais próximos como Glória, Catete e Tijuca e mesmo São Cristovão, bairros como Gamboa e Saúde surgiam como a opção de moradia mais viável. Porém, como o tempo mostrou, eram insuficientes para prover tamanha demanda. Surgiam então a opção dos morros localizados no centro mesmo da cidade como Providência, Santo Antônio, São Bento, Conceição e Castelo. Mas tais opções padeciam dos mesmos problemas dos daqueles dois últimos bairros. Daí que a opção que surgisse com força no horizonte fosse mesmo os subúrbios cariocas, especialmente aqueles cujos terrenos fossem cortados pelas linhas de trem da Central do Brasil, visto que as condições de transporte - junto com o próprio preço do terreno - eram um elemento que pesava muito na decisão que um trabalhador fazia sobre o lugar em que iria residir. A partir de então, vai se consolidando todo um processo que confere à palavra subúrbio "um certo sentido depreciativo, que incluí não só uma idéia de recursos financeiros mais limitados, mas também um certo gênero de vida particular" (MATTOSO, 2006, p. 31).[7] Mas a mudança de percepção sobre o espaço do subúrbio não se resume apenas à expansão demográfica da região. Ela também está ligada à questão de quais grupos passam a ocupar esta região. Mas a transformação do subúrbio em lugar "proletário" não se dá de maneira linear. Annelise Fernandez lembra que ainda na década de 1890 o subúrbio era habitado predominantemente por uma pequena classe média composta em sua maioria por funcionários civis e militares de baixo escalão, comerciantes e alguns operários (FERNANDEZ, 1995, p. 16). Na verdade, eram eles que tinham condições de arcar com os elevados custos de mobilidade entre o centro da cidade e as regiões mais afastadas dos subúrbios. Daí que fosse perfeitamente compreensível que a região possuísse uma composição bem heterogênea até as primeiras décadas do século XX. E quando o mercado imobiliário começa a aflorar com mais intensidade nos subúrbios, é pouco provável que ele tivesse em vista atender uma "clientela" de proletários. Este subúrbio do qual estamos falando já não era aristocrático tal como o "subúrbio" de *A Luneta Mágica*, *Lucíola* ou *Dom Casmurro*, isto é, de meados do século

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

XIX, mas ainda atraía boa parcela dos membros "melhor aquinhoados" da sociedade carioca – como comumente se referia aos setores mais ricos a imprensa popular da época. Estes anúncios imobiliários são um bom testemunho: o primeiro é de julho de 1894 (Méier), o segundo de janeiro de 1898 (Madureira) e o terceiro de julho do mesmo ano (Inhaúma):

> Dous bons chalets, solidamente construídos, com magnífico terreno arborizado e bond à porta, na estrada do Meyer. (*Jornal do Commercio*, 17 de julho de 1894, p. 7)
>
> **TERRENOS** – Estação do Rio das Pedras (Madureira). Nesta aprazível estação dos subúrbios da Central, próximo a inaugurar-se, vendem-se lotes de terrenos, planos, promptos a edificar, distante da estação dous minutos, lugar alto, muito saudável, arejado e vistas lindíssimas, preços os mais baratos dos subúrbios, a dinheiro ou em prestações[...]. (*Jornal do Commercio*, 06 de janeiro de 1898, p. 7)
>
> **SITIO** – Arrenda-se um, no caminho da freguesia de Inhaúma, perto das estradas de ferro, com magnífica casa de morada, água e todas as comodidades, tendo abundante terreno de plantações; as chaves estão no sitio em frente ao de n. 10, no mesmo lugar [...]. (*Jornal do Commercio*, 03 de julho de 1898, p. 8)

Lima Barreto em "Esta minha letra" chega a mencionar a existência de uma "aristocracia suburbana":

> Foi um dia destes. Eu vinha de trem muito aborrecido porque saíra o meu folhetim todo errado. O aspecto desordenado dos nossos subúrbios ia se desenrolando aos meus olhos; o trem se enchia da mais fina flor da aristocracia dos subúrbios. Os senhores com certeza não sabiam que os subúrbios têm uma aristocracia.
> Pois têm. É uma aristocracia curiosa, em cuja composição entrou uma grande parte dos elementos médios da cidade inteira: funcionários de pequena categoria, chefes de oficinas, pequenos militares, médicos de fracos rendimentos, advogados sem causa, etc. (BARRETO, 1956, p. 296)

Essa "aristocracia suburbana" residia certamente nas áreas mais valorizadas do próprio subúrbio, bem providas pelos serviços urbanos como transporte, luz, água e esgoto. Mas não é difícil perceber que a "aristocracia" aqui mencionada não está referia a um modelo clássico, de possuidores de bens, terras e títulos honoríficos, mas se trata tão somente de uma ainda insipiente classe média suburbana, cuja "riqueza" só ganha sentido quando se contrapõe tal grupo não à classe média do centro ou da zona sul, mas ao contingente de pobres (lavradores, pescadores, subempregados, trabalhadores em ofícios mal-remunerados em geral etc.) da região suburbana.

Os subúrbios, portanto, pareciam ser mais heterogêneos do que supunha o discurso da imprensa, técnicos e autoridades políticas da época. Mas essa heterogeneidade estava bem circunscrita a áreas específicas da região. Ele

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

tendia ser maior nos centros mais povoados do subúrbio, em especial as áreas que circundavam as estações de trem da Central do Brasil e da Leopoldina e as que eram servidas por linhas de bonde, como o eram as localidades como Méier, Engenho de Dentro, Realengo e os centros de Bangu, Campo Grande e Santa Cruz. Ali tanto se podia encontrar pessoas de segmentos considerados como de classe média - profissionais liberais, comerciantes, funcionários públicos (civis e militares), como trabalhadores das camadas mais populares, como empregadas domésticas, agentes do comércio ambulante, operários, profissionais da área de serviços e comércio (*garçons*, sapateiros, padeiros, motorneiros, *chofeurs*, barbeiros, policiais, guardas etc.).[8] Muitos deles, provavelmente a grande maioria, trabalhavam não na região, mas sim, no centro da cidade. Na década de 20, o cronista Benjamim Costallat dedicaria várias linhas a este tema, especialmente ao árduo dia-a-dia desses trabalhadores num texto intitulado "Na noite do subúrbio":

> É a vida suburbana, triste e monótona. Igual, sempre igual, eternamente igual !...
> Algumas ruas, largas como avenidas, um cinema cheio de cartazes de fitas sensacionais do século passado, com um piano desafinado; uma farmácia que vende mais ervas de curandeiros do que receitas de médicos; uma delegacia com um 'prontidão' sonolento e magro... E eis tudo. Eis a vida noturna dos subúrbios.
> Os habitantes daquelas casas tristes e pobres vivem no Rio o dia todo nas suas ocupações. Só voltam ao subúrbio para dormir.
> O Rio, distante, como um monstro insaciável, absorve nas suas usinas, nos seus escritórios, nas suas repartições, aquela população inteira que, à noite, ele devolve, extenuada, aos seus lares. (COSTALLAT, 1990, p. 74)[9]

Mas se trata de uma opção que até mais ou menos a década de 30 era relativamente cara para a maior parte dos trabalhadores cariocas, que só viria a ser concretizada a partir da unificação das tarifas de trem, a própria eletrificação das linhas da Central do Brasil, a expansão viária da região (a construção da avenida Brasil é o maior exemplo), o que permitiu, entre outras coisas, a própria expansão do serviço de ônibus. Talvez, nesse momento, possamos falar efetivamente de uma ocupação em massa dos subúrbios por segmentos mais pobres da classe dos trabalhadores da cidade. Muito embora, não possa ignorar, mesmo antes, a grande presença das classes pobres nesta região. Até porque há que se considerar os seguintes aspectos: além da grande extensão geográfica da área e sua diversidade geológica, os quais atuam como grandes obstáculos a uma ação homogênea do capital imobiliário - isto significa dizer que havia muitas áreas ainda pouco valorizadas nos subúrbios, ou ainda pouco atraentes do ponto de vista mercado imobiliário – havia várias terras devolutas na região, o que favorecia a ocupação; a própria malha urbana ainda estava em vias de expansão na região, e neste momento ela se limitava às áreas servidas pela

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Central do Brasil e pelas linhas de bonde; por fim, a região possuía um significativo ramo de atividades econômicos já implantadas na região, ligados tanto à agricultura, quanto à indústria e ao comércio: padarias, "vendas", botequins, farmácias, oficinas, lojas, "casas de modas", açougues, algumas indústrias, feiras, comércio ambulante em geral, carvoarias, comércio de capim, lavouras etc. Ou seja, um número importante de pessoas trabalhava ali mesmo na região. Portanto, não tinham que despender grande soma de suas já comprimidas rendas com gastos com transporte – algo que pesavam em muito no bolso dos trabalhadores que eram obrigados a fazer grandes deslocamentos de sua moradia até o local de trabalho.

Não custa lembrar que a região suburbana foi até o século XX uma área ocupada por grandes fazendas, em torno de muitas delas surgiram povoados, boa parte constituída de pequenos lavradores, mas também de pessoas que eram capazes de fazer uma série de serviços, como carpintaria, concerto de estradas e pontes, artesanato, criação de animais, venda de diversos artigos, etc. Certamente, eram a estas pessoas que se referiam a *Gazeta Suburbana* numa matéria sobre a região, no qual indagava por que a Prefeitura "não protege e não considera mais aquella gente honrada e amiga?". Talvez, o próprio jornal respondia, porque "os que ali habitam são homens do trabalho, são lavradores, pescadores, carvoeiros, alguns negociantes e um ou outro raro empregado federal ou da Prefeitura."(*Gazeta Suburbana*, 14 de agosto de 1920, p. 3) *O Santacruzense*, já em 1909, defendia que as localidades de Guaratiba, Sepetiba, Santa Cruz e Campo Grande eram habitadas pela "classe pobre" ou, frisava, pelos "deserdados da sorte", tais como lavradores, lavradores e operários. (*O Santacruzense*, 19 de fevereiro de 1909, p. 1)

Mesmo antes da década de 30 não era difícil que se enxergasse nela a região que deveria se destinar como o espaço de moradia das "classes laboriosas". Assim já pensava em 1920, o então intendente João Baptista. Alegando a falta de casas e o elevado preço dos terrenos no centro e nas áreas próximas e tendo em vista "que há na zona suburbana e rural, terrenos vastíssimos, em localidades salubérrimas, apropriados a tão vantajoso e benéfico empreendimento", o intendente apresentava o seguinte projeto, de modo a facilitar a fixação de segmentos mais pobres da população na região:

> As construções para habitação de famílias, as quaes, em terrenos ainda não edificados, nas zonas suburbana e rural, forem iniciadas a partir da data da promulgação da presente lei e estiverem concluídas até o dia 7 de setembro de 1922, ficam isentas de taxas e emolumentos municipaes, inclusive alvará de licenças, vistorias fiscalização por parte das autoridades municipaes. (*Gazeta Suburbana*, 14 de agosto de 1920, p. 3)

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

* * *

Entretanto, as condições de vida lá encontradas por esses trabalhadores estavam longe dos ideais de civilização tão em voga na época. Esse era a grande razão para que fosse mais desvalorizado. As palavras do engenheiro Morales de los Rios – um dos maiores entusiastas das reformas de Pereira Passos no centro da cidade - sobre o subúrbio talvez não deixem pairar qualquer dúvida:

> Basta que subamos modestamente a um dos nossos *bondes*, que cheguemos até alguns dos nossos subúrbios, que atravessemos as ruas mais centraes da nossa Capital para o quadro que justifica a nossa natureza chlorotica se apresente à nossa vista nas faces emaciadas que apparecem nas rotulas, nas lamparinas a fumegar no fundo obscuro das alcovas coevas do Reino Unido do Brasil e Portugal; no hálito das tascas em que se alimenta o pobre; nos outros em que se vendem legumes ao lado da pestillenta gallinha e de fructas fermentadas. Ide ao centro importantíssimo do Meyer, vêde aquellas vallas de águas fecaes a serpentear pelo meio das chácaras e das hortas, sob os assoalhos de madeira que desmanchão-se de podridão, sob o duplo impulso da acção dos gazes corrosivos e pestilentos e dos contactos humidos e cálidos daquelles escoadouros vergonhosos cujas ondas reflectem trementes as nossas feições como num *rictus satyrico*; ide a Cascadura e a Madureira e contemplae as irisadas e esverdeadas águas estagnadas que dormem paralelamente ao nosso gigante ferro-viário, esse representante do nosso progresso em outros ramos da engenharia; vede-as seguir o rumo dos trilhos, essas vallas immundas, me que o quitandeiro ambulante lava as mãos com que mais longe distribue alimentos à freguesia, em que o peixeiro lava por sua vez os samburás já vazios e que à noite na sua tasca lhe servirão de cabeceira durante o somno; em que a creança desprevenida se envenena brincando com os barquinhos de papel; em que mariscão as aves do quintal; em que se lanção as varreduras e os animaes mortos. (*Revista do Club de Engenharia*, abril de 1901, nº 5, p. 36)[10]

Este era também a opinião de vários engenheiros, inclusive membros do Clube de Engenharia. Com certeza, esse foi um tema que deve ter gerado muita discussão em seus tradicionais encontros. Mas esta foi uma discussão que teve maior repercussão mesmo na imprensa da cidade.

É interessante observar que nesta imprensa do início do século XX - incluída logicamente as crônicas literárias - as discussões sobre o subúrbio se processam por meio de duas perspectivas distintas. A primeira evoca as imagens sobre o subúrbio como uma forma de identificar e qualificar alguma área do centro da cidade que não tenha sido atingida pelas obras de modernização da prefeitura. Ou seja, subúrbio será aqui referido aos resquícios da "cidade colonial" que tanto se queria extinguir. Veja-se o exemplo da descrição que João do Rio faz da Rua D. Manuel, situada no centro da cidade:

> parece a rua de um bairro afastado. O Necrotério, com um capinzal cercado de arame, por trás do qual os ciganos confabulam, tem um ar de subúrbio. Parece que se chegou, nas pedras irregulares do mau calçamento, olhando os pardieiros seculares, ao fim da cidade. Nas esquinas, onde larápios, de lenço

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

> no pescoço e andar gingante, estragam o tempo com rameiras de galho de arruda na carapinha, vêem-se pequenas ruas, nascidas dos socalcos do Castelo, estreitas e sem luz. (RIO, 2009, p. 62).

Nesta perspectiva o subúrbio representa aspectos que naquele momento destoam do papel e da imagem que vinha sendo atribuída à cidade do Rio. Elementos que sempre fizeram parte do processo de vida cotidiana da área urbana são agora vistos como estranhos, inaceitáveis, impróprios a uma cidade que quer se ver e ser vista como civilizada. Ao comparar a rua D. Manuel com um subúrbio, João do Rio está na verdade querendo dizer que o centro ainda abriga em seu interior aspectos materiais (pardieiros, capinzais, ruas estreitas e sem luz, pedras irregulares) e determinados agrupamentos sociais e étnicos (ciganos e "larápios") que não mais condizem com a imagem da cidade que se visa consolidar por meio das reformas urbanas e por toda uma cultura material de elite (cafés, teatros, concertos, sociedades literárias, clubes etc.) que se projeta sobre a cidade na virada do século XIX para o XX. Ao mesmo tempo, nesse tipo de argumentação encontram-se expressas as bases do recurso discursivo que vai sendo quase cotidianamente acionado por essa época com vistas a consolidar a uma certa imagem sobre o subúrbio. Muito daquilo que é visto como estranho à cidade, é no final das contas, visto como próprio, compatível e mesmo característico do subúrbio. É curioso perceber como o processo de deslocamento de segmentos das camadas populares para o subúrbio parece sancionar um discurso que o toma como uma espécie de área que tivesse como principal função receber e abrigar tudo aquilo que era visto como negativo e impróprio de se estabelecer no centro da cidade. Assim sendo o subúrbio era visto como o destino e sede "natural" de usos e aspectos materiais associados a alguns agrupamentos sociais: tipos de moradia, práticas de lazer, hábitos alimentares e religiosos etc. É claro, todos vistos a partir de uma perspectiva negativa, como antítese da cidade moderna que vinha sendo edificada há alguns quilômetros dali. E é interessante observar que dentro os muitos elementos vistos como típicos do subúrbio vários façam referências a usos rurais.

Um tipo de concepção (negativa) sobre o subúrbio que se mostra perene. Pois iremos encontrar formulação parecida, embora referida a uma outra área da cidade, décadas depois – mais precisamente na década de 20 – em um texto do cronista Benjamim Costallat sobre a favela do Pinto: aqui novamente vemos a ênfase na mistura de usos rurais e urbanos, o convívio quase íntimo entre pessoas e animais, sendo usado como um recurso que melhor traduza ao leitor o nível de miséria que assola os habitantes daquela favela:

> Estávamos na subida que desemboca na Rua da América e que é conhecida por 'Pedra Lisa'.
> É um caminho de cabras. Não se anda, gravita-se. Os pés perdem a função normal de andar, transformam-se em garras.

> Aquela gente, que não tem nada, dá uma profunda lição de alegria àqueles que têm tudo.
> Sem higiene, sem conforto, naqueles pequeninos casebres fétidos e imundos, que se arriscam, a cada instante, a voar com o vento ou despencar-se lá de cima; aquela população de homens valentes – estivadores, carvoeiros, embarcadiços – e de mulheres anemiadas e fracas , e de crianças mal alimentadas e em trapos, cria porcos, bebe cachaça, toca cavaquinho e canta! . . .
>
> (...)
>
> A favela não tem luz. Não tem esgotos. Não tem água. Não tem hospitais. Não tem escolas. Não tem assistência. Não tem nada . . .
>
> (...)
>
> As choupanas se fazem umas sobre as outras, à vontade do proprietário.
> O terreno é de ninguém, é de todos . . .
> A sarjeta, a rua, o esgoto, é tudo a mesma cousa, e essa mesma cousa é uma enorme vala onde se passa aos pulos, saltando-se de buraco em buraco, e onde os porcos engordam, imensos e sonolentos, e as porcas, de ventre para o ar, as mamas inchadas de leite, alimentam a voracidade de uma quantidade de porquinhos . . . (COSTALLAT, 1990, p. 33-35.)

Outrossim, o subúrbio não era tratado apenas como uma metáfora, mas como uma região específica, aquela efetivamente considerada como zona suburbana. Mas tal como na perspectiva anterior, esse subúrbio será constantemente comparado com a zona urbana e daí sempre visto pelo signo da carência, da inferioridade, em diversos sentidos.

Para a imprensa local, os atributos que para alguns eram típicos do subúrbio, eram, muito pelo contrário, eram sintomas de descaso e omissão das autoridades públicas. Em 1904, *O Bacurau* apresentava um quadro nada animador sobre Realengo:

> A hygiene é assumpto d'este elemento, tem tornado este logar endêmico, com a febre palustre.
> Causa essa endemia a falta de esgoto e água nos lares, (....) ha aguas estagnadas nos logares públicos e ahi ficam até haver a evaporação. O máu cheiro que d'ahi provém é cousa secundária, quem estiver incommodado leve o lenço ao nariz.
> O mesmo acontece, com os detritos atirados à rua, e conservam-se até completa decomposição. (*O Bacurau*, 05/10/1904, p. 1).

Passados alguns anos, nada parece ter mudado. O jornal *O Subúrbio*, por exemplo, em edital de agosto de 1907, lamentava o estado de abandono de Realengo, cujas "valas estão entupidas e cheias de vegetação e águas estagnadas, casas em ruínas, ameaçando desabar sobre os incautos transeuntes."(*O Subúrbio*, 10/08/1907, p. 3.)

Ainda em 1919 vamos encontrar novamente o *Gazeta Suburbana* reivindicando providencias efetivas por parte do Governo Federal contra a febre palustre que grassava em vasta área da região. Segundo o jornal "Tijuca, Jacarepaguá, Guaratiba, Santa Cruz, Sepetiba, Irajá e Inhaúma são localidades

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

que maior progresso não tem por causa das varias moléstias que definham ou matam as suas populações". As causas de tal quadro seriam, segundo o jornal:

> a ingestão de agua de poços, a ausência absoluta de exgoto(sic) para as matérias fecaes, a escassez de socorros médicos, a existência de numerosos pântanos e, finalmente, a difficuldade de locomoção para os que necessitam de comparecer aos postos prophylaticos mais próximos. (*Gazeta Suburbana*, 12 de julho de 1919, p. 2).

Quadro não muito diferente era pintado poucos anos depois pela *Revista Suburbana*: epidemias, abandono e falta de serviços públicos ("tão comuns no centro e nos bairros chics") dominavam o dia-a-dia dos moradores da região.

> **CASCADURA**
> Os moradores de Cascadura ameaçados pela varíola por falta de esgoto nessa localidade, ainda se acham na emminencia de um outro perigo maior.
> [...]
>
> **IRAJÁ**
> Pedem-nos os moradores dessa freguesia que intercedam junto dos poderes públicos no sentido de ser mudado o systema anachronico de tracção animal pelo electrico, pois não se comprehende na Capital da República tal systema de tracção.
> **SANTA CRUZ**
> Nesta localidade depois da administração do Dr. Paulo de Frontin nada absolutamente se tem feito. As reclamações são innumeras sobre melhoramentos úteis de que se rescentem as ruas e praças de Santa Cruz.
> **BANGÚ**
> As novas ruas abertas pela Cia. Bangú e entregues à Prefeitura estão cobertas de matto.

Porém, as reformas urbanas, entendidas como obras de melhoramento do centro e das áreas da zona sul, irão dar ensejo a uma sutil mudança de estratégia por parte dos críticos da situação de "abandono" dos subúrbios, especialmente a imprensa local. Eles irão utilizar com mais recorrência o próprio discurso utilizado pelas autoridades políticas, por médicos, engenheiros e homens da imprensa para legitimar as obras de "melhoramento e embellezamento" da capital da República. Só que agora elas são referidas ao subúrbio. E é do descompasso verificado entre a situação de uma região e outra que começa a ganhar forma uma espécie de discurso regionalista do subúrbio, sempre pautado na denúncia do tratamento desigual dispensado pela municipalidade às zonas urbana e suburbana da cidade, sendo público e notório o privilégio dispensado à primeira. A denúncia do abandono continua, só que agora ele é marcado por uma comparação com a zona urbana, onde as obras de melhoramento, de saneamento etc., estão sempre presentes. A partir de então não se trata, para os defensores do subúrbio, de reivindicar apenas o reconhecimento da importância desta região frente ao governo municipal. O que

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

agora está em jogo é mostrar que o subúrbio merece o mesmo tratamento que a zona urbana, sendo este entendido como a área central e os bairros cortados pela Avenida Beira-Mar.

Aqui temos mais uma vez o *Subúrbio*, em 1907, felicitando a iniciativa do intendente municipal Luiz Ramos, que propunha a criação de novas linhas de bonde na zona suburbana. A felicitação servia na verdade de mote para um protesto contra as condições que imperavam na região. Para os editores do jornal, era "talvez a falta de viação para todos os pontos seus (...) que a zona suburbana encontra-se ainda em tão deplorável atrazo!", com "algumas de suas regiões mais pittorescas, acham-se amesquinhadas por uma tal incúria, e tão enxovalhadas de lamaçaes, e tão comidas de matto bravo, que lembram velhas regiões abandonadas, onde pé de homem não parece ter pisado!".

Nos parágrafos seguintes o protesto ganha um novo conteúdo. Culpa-se a prefeitura não apenas pela "abandono" da zona suburbana, mas por tratar de maneira desigual ás zonas da cidade, como se só a zona urbana fizesse parte da capital: "E uma vez que a viação traga movimento e vida, como há de forçosamente trazer, a essas paragens mortas, que não parecem estar a poucos passos da capital, e della fazerem parte, mas estarem sumidas nos envios sertões de Matto Grosso" (*O Subúrbio*, 10/08/1907, p. 1). Mas para isso era fundamental que as zonas da capital fossem tratadas de maneira igual: "O centro da cidade já está civilisado. Pelo menos já não é o botocudo que era, há meia dúzia de annos, apenas. É tempo de cuidar também um bocadinho dos pobres subúrbios (...)". Mas a reivindicação por igualdade não se pautava apenas em uma questão meramente geográfica. O(s) autor(es) do editorial do jornal tocava(m) em questões bem mais sensíveis. Um delas tinha a ver com os impostos municipais pagos pelo habitantes da zona suburbana, impostos estes que eram os mesmos que os moradores da zona urbana pagavam. Isso era uma razão suficiente para que o(s) autor(es) afirme que as próprias obras de modernização do centro e da zona sul só foram possíveis com a ajuda da zona suburbana:

> Quem pode negar o florescimento destas zonas, que aqui se acham como escravas aos pés da cidade, beijando-os; dessas zonas que bastante têm contribuído também para que a capital possa erguer, cheia de orgulho, a sua frontearia de palácios, uma vez que seu sangue para o pagamento dos impostos com que ella sustenta o seu luxo de grande senhora (mas senhora ingrata e perversissima, que quer deixar morrer de fome e de vermina os seus vassalos) quem com segurança pôde dizer que a boa saúde, o vigor, o bem estar desses vassalos, não contribuiu bastante para que a cidade floresça e gose(sic) e se erga mais alto, ainda, do que se acha erguida?
> Como se os subúrbios não pertencessem à capital: e como se não fossem della um prolongamento !(...). (Idem).

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Rica de imagens (inclusive mitológicas) e de citações é esse editorial d'*O Santacruzense*:

> A Prefeitura Municipal, esse monstruoso polvo que nos suga, só olha para o centro commercial da cidade e mais nada.
> O Rio de Janeiro é comparável a uma linda mulher sobre a qual Lauro Müller, Frontin e Passos, guiados por Rodrigues Alves, collocaram um manto de seda e pedrarias.
> Sim, temos as Avenidas Central, Beira-mar etc., mas em troca disso, temos os subúrbios, mendigando, porcos, sujos, sem água, sem iluminação, com as estradas e ruas mal conservadas pessimamente servidas por uma estrada de ferro immunda e sem igual no mundo.
> Cada subúrbio tem pedido um parque para divertimento dos seus moradores, é um pedido justo, a sua execução custa menos do que os banquetes e festas dadas por conta das verbas secretas etc. (*O Santacruzense*, 06/12/1908, p. 1)

Não que esse tipo de discurso não pudesse ser encontrado anteriormente. É provável que já possamos encontrá-lo logo que a tendência de crescimento populacional da região se consolide na década de 1890. Um artigo escrito em 1902 pelo jornal *Progresso Suburbano*, intitulado "A vida nos subúrbios", já fala desse tempo, em que a população da "zona suburbana tem crescido de uma maneira extraordinária; [em que] o commercio tem-se espalhado e desenvolvido consideravelmente". Ou seja, já ali "vê-se por toda a parte, como que a vida querendo surgir forte e vigorosa". Mas, "ao mesmo tempo, vê-se tolhida por grandes impecilhos, verdadeiras barreiras invencíveis que não a deixam prosseguir, tudo isto devido à falta de melhoramentos locaes." Como resultado tinha-se, segundo o jornal: péssimas estradas, falta de meios de transporte, sendo que o pouco que havia funcionava mal, vide o "bond de Guaratiba, que não chega ao ponto terminal, o manhoso bondinho de Itaguahy, o de Sepetiba, que descarrilha(sic) de 5 em 5 minutos e o de Jacarepaguá, cujo serviço não corresponde às necessidades do público".

No parágrafo seguinte a falta ou deficiência de outros serviços é mencionada (água, luz residencial, esgoto, iluminação pública). Não obstante, a menção é feita tendo como pano de fundo o tema da desigualdade do tratamento da prefeitura para com as zonas da cidade: "A população dos subúrbios é muito mal aquinhoada nos largos benefícios que a municipalidade dispensa aos seus munícipes da zona urbana (...)". Desigualdade esta que se torna inaceitável tendo em vista a carga de impostos paga pela população dos subúrbios: "O commercio concorre grandemente para o crescimento das rendas municipaes; particulares, negociantes, proprietários pagam pesadíssimos impostos, tendo consequentemente direito a certos melhoramentos locaes. O que recebemos em troca destes impostos?" (*Progresso Suburbano*, 02/03/1902, p. 1)

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Podemos notar, porém, que é com as reformas urbanas que esse tipo de discurso passa a ser incorporado inclusive pela grande imprensa: "Em vão os subúrbios pedem água, esgotos, illuminação, hospitaes, em uma palavra 'hygiene': tudo em vão!... A hygiene, pelo que se vê, não se fez para os deserdados da fortuna." - bradava o *Jornal do Brasil* em 1904 (*Jornal do Brasil*, 26/09/1904). No ano seguinte, ele e o *Correio da Manhã* inaugurariam uma seção sobre os subúrbios, destacando o que entendiam serem os principais problemas da região e dando espaço para reclamações e demandas de vários moradores dali (MATTOS, 2008, p. 57).

O crescimento da região era um fato inegável já em fins da primeira década do século XX, assim como a expansão do seu comércio e indústria (capitaneada pelo ramo têxtil). Paralelo a isso cresce o próprio papel político da região no cenário político da capital. Não sem razão afirmava o *Gazeta Suburbana*, em seu editorial de 8 de setembro de 1910:

> Com o progressivo augmento da população do Distrito Federal, com o grande desenvolvimento do nosso comércio, os subúrbios, outrora abandonados e desprezados, tornaram-se ultimamente procurados e conhecidos.
> Tudo tem augmentado nos subúrbios: a população, o commercio, a indústria. Tão grande é o desenvolvimento actual da zona suburbana que, quasi todos os jornaes diários, viram-se na necessidade de, no noticiário geral, acrescentar um suplemento consagrado unicamente aos subúrbios (...) (*Gazeta Suburbana*, 08/09/ 1910, p. 1)

Segmentos do grande capital passam, portanto, a visar a região como possível alvo de investimentos. Além da Fábrica Bangu e do Matadouro de Santa Cruz, havia a Oficina de Central do Brasil em Engenho de Dentro, uma grande oficina da Cia. Light and Tramways, uma fábrica de chitas em Piedade e uma fábrica de tecidos em Sapopemba (Deodoro). Entretanto, embora em pequeno número, elas contribuíram para impulsionar uma tendência que ganharia corpo nas décadas de 1940 e 1950: a fixação na região de segmentos do operariado carioca. A própria Fábrica de Bangu estabeleceu uma série de iniciativas para que os operários residissem perto da fábrica, que iam desde a construção de uma vila operária até a cessão de terrenos (OLIVEIRA, 1996, p. 51). Por sua vez, a construção da "Villa Operária" no início da gestão de Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914) viria se constituir num importante marco desta tendência (OLIVEIRA, 2004).

Tais fábricas certamente exerceriam importante papel no incremento populacional da região, que já se via estimulada pelo crescimento das linhas de transportes coletivos. Todos esses fatores agindo simultaneamente tinham, por sua vez, um destacado papel no que concerne à expansão do comércio local.

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Sobre isso, Benedicto Freitas nos oferece um importante relato sobre o Matadouro de Santa Cruz:

> A fim, de obviar o mal do abastecimento sem base sólida, foram convidados vários negociantes para abrirem casas de *secos* e *molhados* nas imediações do matadouro, logo após sua inauguração. Atendendo aos apelos de Ferreira Nobre [então Presidente da Câmara Municipal] e de alguns marchantes, imediatamente foram instalados os primeiros armazéns, cujos proprietários eram os seguintes: Souza & Cia, Antonio Leocadio Cordeiro, Antonio Ferreira de Brito e Adriano Pereira Cantão. Animados pelos excelentes negócios feitos, todos quatro, transformaram seus estabelecimentos em hotéis, que viviam superlotados (FREITAS, 1977, p. 56).[11]

Um outro sintoma do "crescimento" surge mais tarde, conforme se pode acompanhar nos Anais do legislativo carioca, é o crescente direcionamento de verbas orçamentárias para o custeio de obras de melhoramentos e infra-estrutura nos subúrbios, fato que passa a ocorrer ainda no governo de Pereira Passos (FREYRE, 1998).[12] Outro evento emblemático é o procedimento adotado por autoridades políticas como Honório Pimentel, Augusto Tavares, Mello Matos, Cândido Benício, Caldeira Alvarenga, entre outros, que buscarão se estabelecer como representantes legítimos do subúrbio como um todo ou de localidades específicas. Entre eles se abrirá uma espécie de concorrência pela autoria da construções de pontes, estradas, avenidas, linhas de bonde, dragagens de rios e canais, instalação de iluminação pública, esgoto etc., no subúrbio. Para tanto, será fundamental uma boa articulação com o executivo municipal. Este de certa maneira se vê pressionado a barganhar com essa lideranças para que não tenha problemas com a aprovação de projetos importantes de seu interesse na Conselho Municipal.

Entretanto, o reconhecimento do papel político da região não se deu de maneira mecânica, simplesmente em resposta ao seu crescimento demográfico. Houve uma significativa articulação de segmentos da região que pressionavam por esse reconhecimento em ações à margem da esfera política formal. A tentativa de se organizar o "Congresso Suburbano" em 1911 é um exemplo. A obtenção de obras de melhoramentos para a região seria, conforme as palavras de seus organizadores, o principal objetivo do encontro (*A Tribuna*, 10/07/1911, p. 3). No ano seguinte surge uma "Comissão de Subúrbios", na onda de criação de várias comissões de melhoramentos de bairros (SILVA, 1988, p. 36). Nesse sentido vale a pena citarmos novamente a "Representação dos habitantes de varias zonas suburbanas do Distrito Federal" como exemplo da formação de grupos de pressão com base nos subúrbios. Neste caso eles reivindicavam no final da década de 1910, diretamente ao então prefeito Paulo de Frontin, o prolongamento das linhas de bonde de Vila Isabel até Cascadura.[13] Anos depois em 1918 era inaugurado o Centro Triangular Progressista, que dizia objetivar

"melhoramentos materiais" das localidades Rio das Pedras, Bento Ribeiro e Irajá (*Revista Suburbana*, 15 de setembro de 1918, p. 3).

Tratam-se de ações que independente da consecução de seus objetivos originais, contribuem para dar visibilidade ao subúrbio enquanto ator político. Entre todas elas parece haver uma motivação comum, que é de pleitear obras e recursos que viabilizem nos subúrbios as mesmas condições de vida verificadas nas áreas mais prósperas da zona urbana. Tanto imprensa local, como os representantes da região no legislativo municipal e vários moradores parecem reivindicar o mesmo objetivo: urbanizar o subúrbio. Embora num sentido diferente: a urbanização não parecia implicar neste caso em segregação sócio-espacial. A questão era justamente definir que módulo de urbanização seria adotado para as classes populares dos subúrbios. Atento a isso estava, mais uma vez, Lima Barreto, quando, por exemplo, descrevia o dia-a-dia do bairro do Méier:

> Tem confeitarias decentes, botequins freqüentados; tem padarias que fabricam pães, estimados e procurados; tem dois cinemas, um dos quais funciona em casa edificada adrede; tem um circo-teatro, tôsco, mas tem; tem casas de jôgo patenteadas e garantidas pela virtude, nunca posta em dúvida, do Estado, e tem boêmios, um tanto de segunda mão; e outras perfeições urbanas, quer honestas, quer desonestas.
> As casas de modas, pois as há também, e de algum aparato, possuem nomes *chics*, ao gôsto da Rua do Ouvidor. Há até uma 'Notre Dame', penso eu.".

Mas a pressão pela urbanização dos subúrbios - que no fundo significava a tentativa de se equiparar com as regiões do centro e da zona sul da cidade -, parecia se chocar com representações já há anos consolidada sobre o subúrbio. Representações essas que buscavam enfatizar justamente o caráter anti-urbano do subúrbio. Ainda na década de 20, tinha força descrições sobre o subúrbio como a de Orestes Barbosa. Lugar duplamente carente, tanto moralmente, daí o grande número de crimes, quanto materialmente, daí que pudesse ser ainda visto como uma área rural:

> Como Madureira e D. Clara, a Favela reúne o que há de eminente no nosso mundo criminal.
> Mas, também em Madureira e D. Clara, se o leitor saltar, alta noite, há de dizer consigo mesmo que tudo isso é mentira dos cronistas dos jornais.
> O leitor principiará vendo tudo deserto e em silêncio.
> Mas se o leitor sair da estação, talvez não volte mais para desmentir o escritor...
> Se entrar pela travessa Carlos Xavier ou pelas *bananeiras* verá o monte fervendo em mesas toscas com os punhais cruzados num sinal apavorante de união e morte...
> Marinheiros, soldados, fuzileiros navais, ladrões do mar e rebombeiros das docas Floriano arriscam, sofregamente, as moedas escassas, num jogo que é comumente o prólogo do último dia, como o foi para o Vicente Vigorito,

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

> negociante de bois, apunhalado e saqueado por João Agi que era o seu amigo do coração... (BARBOSA, 1993, p. 114).

Aspectos como a mistura entre usos rurais e urbanos tornavam-se incompatíveis com a nova representação que se buscava impor sobre ele. É possível que em meados da década de 1910 a imagem do subúrbio como uma espécie de zona rural já não fosse aceita de forma tão naturalizada como na década anterior. E é sintomático que a própria Prefeitura em 1917 começasse a estruturar um projeto de zoneamento destinando uma área específica para os usos rurais, diferenciando-a do próprio subúrbio.

* * *

Além disso, em função da boa pressão exercida por grupos do subúrbio e, fundamentalmente, da necessidade de expansão da infra-estrutura pelo território da cidade, a Prefeitura daria a início no final da década de 1910 a consolidação da malha urbana, ao menos nas zonas mais populosas dos subúrbios. Datam dessa época projetos que seriam implementados nas décadas de 30, 40 e 50. Como o da Avenida Mato Grosso, que cruzava os bairros de Cascadura, Campinho, Jacarepaguá e Santa Cruz. Tal projeto tinha sido aprovado durante a gestão de Paulo de Frontin (23/01/1919-28/07/1919), mas seria revogado por Carlos Sampaio, que faria exatamente uma gestão que se prodigalizou em priorizar quase que de forma absoluta da Zona Sul (REIS, 1977, p. 72).

Um pouco antes a Conselho Municipal tinha aprovado o Projecto n. 4, que estabelecia:

> Art. 1º Ficou o Prefeito autorizado a mandar abrir estradas carroçáveis macadamizadas, ligando os diversos districtos suburbanos e ruraes a esta Capital.
> Art. 2º No districto de Guaratiba serão abertas estradas carroçáveis macadamizadas, ligando Grumarim à estrada de Campo Grande e Poço das Pedras ao povoado da Barra; e macadamizadas as estradas de Grota Funda que ligam os bairros da Ilha aos da Piaba e Vargem Grande e no districto de Santa Cruz ligando a do Curato a Sepetiba.
> Art. 3º No districto de campo Grande mandará o Prefeito macadamizadar e tornar carroçáveis as estradas do Rio da Prata do Mendanha, do Rio da Prata do Cabuçú, do Guandu do Senna de Palmares, do morro dos Caboclos e a do Barro Vermelho (*Anais do Conselho Municipal*, 19 de julho de 1917, p. 74).

Tais projetos, mesmo aqueles que nunca viriam a se consolidar ajudaram a consolidar um perfil do subúrbio muito mais próximo da zona urbana do que o de uma zona rural. Perfil urbano que se afirmava mesmo a região sofrendo com a falta de serviços urbanos e com a insalubridade em muitas de suas áreas.

Como já destacado anteriormente mesmo o processo de urbanização fora marcado pela desigualdade, atingindo justamente as áreas mais valorizadas da região e com mais ativo comércio. O relato de Lima Barreto é bem sugestivo:

> Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel [...] Hoje mesmo, a gare suburbana não perdeu de todo essa feição de ponto de recreio, de encontro e conversa. Há algumas que ainda a mantém tenazmente, como Cascadura, Madureira e outras mais afastadas.
> De resto, é em torno da 'estação' que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, os açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda. Em certas, como as do Méier e de Cascadura, devido a serem elas ponto inicial de linhas secundárias de bondes, há uma vida e um movimento positivamente urbano (BARRETO, 1956, p. 145).

Além do comércio, há que se destacar o papel dos clubes sociais e mais especificamente dos próprios clubes de futebol no papel de expansão de uma cultura urbana nos subúrbios.[14] E foram vários os times que se proliferaram na região a partir da primeira década do século: o Maria Angu Foot-Ball Club, o Bonsucesso, o Cascadura F.C., o Campo Grande F.C., o Del Castilho, o Engenho de Dentro, o Primavera F.C (Campo Grande), O Ilha F.C (Guaratiba), o Sport Club Nacional (Encantado), o Bahia F.C. (Cascadura), o Madureira, o Bangu, o Cruz de Malta A.C. (que seria mais tarde um dos embriões do Vasco da Gama), o Royal (Méier), o Palestra Itália (Brás de Pina) (PEREIRA, 2000, p. 230). E foi com estes clubes, nos quais a maioria de seus membros era composta de "operários, artistas, industriais, empregados do comércio e trabalhadores", que o futebol começou a assumir uma feição popular, algo que ele não tinha nas primeiras décadas do século com os clubes de elite da zona sul como Fluminense, Flamengo, Botafogo e Paysandu.

Bibliografia

ABREU, M.A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1988.

ALENCAR, J. *Lucíola*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1951.

ANDREATTA, V. *Cidades quadradas, Paraísos circulares*: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

AZEVEDO, A. *Casa de Pensão*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 03/04/2009.

BARBOSA, O. *Bambambã!*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993.

BARRETO, L. *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

BARRETO, L. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARRETO, L. *Toda crônica*. RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel (Orgs.). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BARRETO, Paulo (João do Rio). *A alma encantadora das ruas*. Disponível em: domíniopúblico,gov.br. Acesso em: 02/02/2009.

BARRETO, Paulo (João do Rio). *Vida Vertiginosa*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911.

BENCHIMOL, J. L. *Pereira Passos*: um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1988.

BRETAS, M. L. *A guerra das ruas*: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

CHIAVARI, M. P. As transformações urbanas do século XIX. In: *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*: uma cidade em questão II. Del Brenna, Giovanna Rosso. Rio de Janeiro: Index, 1985.

COSTALLAT, B. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.

FARIAS, J.; SOARES, C. E.; GOMES, F. S. *No labirinto das nações*: africanos e identidades no Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

FERNANDES, N. da N. Os militares e o espaço urbano do Rio de Janeiro: um programa de pesquisa em geografia urbana e geopolítica. *Scripta Nova,* Vol. X, núm. 218 (27), 1 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-27.htm. Acesso em: 20 de janeiro de 2008.

FERNANDEZ, A. C. F. *"Assim é o meu subúrbio: o projeto de dignificação dos subúrbios entre as camadas médias suburbanas de 1948 a 1957"*. 1995. 284f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREITAS, B. de. *O Matadouro de Santa Cruz* (Cem anos a serviço de uma comunidade). Rio de Janeiro:s/ ed.: 1977.

FREYRE, A. O. G. *Uma capital para a República*. Poder federal e forças locais no campo política carioca (1889-1906). 1998. 410f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GAZETA URBANA, 08/09/ 1910.

MATTOS, R. C. *Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República*. Niterói. 320f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

MATTOSO, R. *A estética do Subúrbio*. 2006. 98f. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MUMFORD, L. *La Cité a travers l'histoire*. Paris: Éditions du Seuil, 1964.

OLIVEIRA, A. C. T. de. *O Governo do Marechal Hermes e as Vilas Proletárias*. 2004. 260f. Projeto de Qualificação (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense. Niterói.

OLIVEIRA, Luciana da Cunha. *A fiação de um bairro*: a Fábrica Bangu e o seu projeto social (1930-1945). Niterói, mestrado, História, 2006.

PECHMAN, R M. *Formação histórica da estrutura fundiária na Zona Oeste do Rio de Janeiro e Barra da Tijuca*. 1987. 198f. Relatório de Pesquisa – Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PECHMAN, R. M. *Gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. 1985. 320f. Dissertação (Mestrado), Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PECHMAN, R. M. & LIMA JÚNIOR, W. "*Flirts* no *footing* da Avenida Central", In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, nº 5, novembro 2005.

PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000. PEREIRA, Sônia Gomes. *A Reforma Urbana de Pereira Passos e a Construção da Identidade Carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, EBA, 1998.

POLESEL, C. Benjamim Costallat: jornalismo e literatura na escrita do submundo. Trabalho apresentado no *VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Jornalismo*. S/d.

QUEIROZ, E. Q. *Justiça Sanitária*: Cidadãos e Judiciário nas reformas urbana e sanitária - Rio de Janeiro (1904 - 1914). 2008. 230f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos*: evolução urbanística da cidade. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1977.
Revista do Club de Engenharia, abril de 1901, nº 5.

RIBEIRO, S. D. *Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo*: tecendo os fios da história de um "Casamento Feliz". 2005. 333f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RIO DE JANEIRO. *Anais do Conselho Municipal*, 19 de julho de 1917.
SALGUEIRO, T. B. *A cidade em Portugal*: uma geografia urbana. Lisboa: Edições Afrontamento, 1992.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

SILVA, E. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, L. A trajetória de Alfred Donat Agache no Brasil. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; PECHMAN, R. M. (orgs.). *Cidade, povo e nação*. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

STUCKENBRUCK, D. C. *O Rio de Janeiro em questão: o Plano Agache e o ideário reformista dos anos 20*. Rio de Janeiro: FASE-IPPUR/UFRJ, 1996.

Notas

[1] Processo este que se manterá vigoroso mesmo após a administração de Pereira Passos. Sobre como essa questão se manifesta nas décadas de 1920 e 1930, temos os excelentes estudos de FISCHER, Quase-Cidadão e STUCKENBRUCK (1996), PEREIRA (1996), SILVA (1996).
[2] O decreto nº 3.640, de 14 de abril de 1900 reduzia essas 20 circunscrições a 12, que voltariam a ser 20 pelo decreto nº 4.763, de 5 de fevereiro de 1903. BRETAS (1997. p. 38 e 42).
[3] Verena Andreatta (2006, p. 21) acrescenta que "é preciso lembrar que a história da cidade moderna é também a história da formação da mais-valia no seu entorno. As cidades do século XIX se inventaram a si mesmas, aproveitam a acumulação de fatores produtivos nelas existentes para constituir-se em negócio, para tornar-se, pela primeira vez na História, objeto de transação comercial."
[4] Algo desse subúrbio enquanto moradia das "classes-médias" pode ser visto, mais uma vez, no romance *Don Casmurro* de Machado de Assis, especialmente nos capítulos iniciais, nos quais Bentinho relata momentos de sua infância, passados em meados do século XIX, na chácara de Matacavalos (próximo à Tijuca). Outras descrições a respeito podem ser encontradas no romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, sobretudo no 1º capítulo.
[5] Outro bom exemplo colhido da literatura é um trecho do romance de Adolpfo Caminha, *Tentação*. Nele, um dos personagens, Luis Furtado emite um comentário bastante revelador das diferenças de *status*, já na década de 1880, entre áreas como Botafogo e Cidade Nova:
"D. Branca estava aflita por chegar aos fundos; queria surpreender o marido
de Adelaide com o irrigador de Ermarck.
— Que achas? - perguntou Furtado ao amigo, relanceando os olhos no
aposento.
— Bom... bom - murmurou o bacharel. - Vamos cá!
E dirigiu-se aos fundos da casa, inspecionando o teto e o papel do forro.
— Vocês aqui estão muito bem — tornou o secretário.
— *Muito melhor que na Cidade Nova* — acrescentou D. Branca.
— *Ao menos estão em Botafogo*." (p.35 – grifo meu).
[6] Em 1922, vemos Lima Barreto (2004) novamente tematizar o passado rural dos subúrbios na crônica "De Cascadura a Garnier": "Mas ... o bonde de Cascadura corre; 'titio Arrelia', manejando o controle, vai deitando pilhérias, para a direita e para a esquerda [...] e vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado. No passado! Mas ... o passado é um veneno." (p.540).
[7] O *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* destaca essa particularidade do caso brasileiro quando afirma que a palavra *suburbano* possui entre suas acepções uma de fundo claramente depreciativo: "Suburbano - Que tem ou revela mau gosto" (p. 1888). Para a apreciação dessa questão em outros contextos: MUMFORD (1964), SALGUEIRO (1992), LAWRENCE (1988).
[8] Sobre a composição social dos subúrbios aproximadamente nessa época ler: FERNANDEZ (1995).
[9] Uma análise que contextualiza a obra deste autor é feita por POLESEL (s/d).
[10] Há que se destacar aqui que Morales de los Rios era membro do clube de Engenharia, no qual era intenso já por essa época o debate sobre a necessidade da promulgação de um rigoroso código de obras na cidade, com especial atenção à questão dos alinhamentos. Fato que só viria a ocorrer durante a gestão do Prefeito Sezerdelo Correia (1909-1910). REIS (1977, p. 53).
[11] Não se pode menosprezar também os efeitos operados na economia local pela instalação de estabelecimentos militares como quartéis e a própria Vila Militar, construída em 1909. Poucos anos mais tardes, de modo a suprir as demandas de instalações como essas, surgiram fábricas de pólvora em Deodoro e de cartuchos em Realengo. Ver FERNANDES (2006).
[12] A pretensão de Passos em aumentar os meios de comunicação entre o centro da cidade e a região dos subúrbios também é aludida por Renato Costa, que lembra os estudos feitos ainda em sua gestão para a construção de avenidas ligando o centro com os bairros situados depois da Ponta do Caju, como Manguinhos, Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha e Irajá.
[13] AGCRJ, 56-4-9, fl.3v.
[14] Em seu estudo sobre o crescimento do Confiança, um clube de futebol de Aracaju, Ribeiro (2005) acabo por evidenciar a relação deste clube com o processo de suburbanização da cidade e a popularização do clube junto aos segmentos da classe trabalhadora local.